

A consciência da latinidade – uma via romena para a integração europeia

VIRGIL MIHAIU

*“A Roménia é o Brasil
da Europa.”*
(Jerónimo Moscardo)

Virgil Mihaiu

Escritor, jazzólogo, diplomata, performer de jazz-poetry; desde 2006, Director do Instituto Cultural Romeno em Lisboa e Ministro-conselheiro junto à Embaixada da Romênia em Portugal. Autor de, entre outros livros, **Jazz Connections in Portugal** (2001), **Lusoromână punte de vânt/Lusoromena Ponte de Vento** (2010).

O PRESENTE TEXTO foi concebido por um intelectual da Europa do Centro-Leste, poliglota e europeucentrista (no sentido de que tem sentimentos filiais tanto para com a sua pátria, como para com o continente onde nasceu). Ao meu entender, o subtexto da temática desse ensáio podia ser resumido parafraseando a muito citada interrogação de Hölderlin: “Para que é que servem as línguas românicas em tempos adversos?” Na perspectiva romena, a latinidade representa uma questão vital pois tem a ver com a nossa própria essência identitária. O processo de romanização foi iniciado cem anos após Cristo, com a conquista da Dácia pelas tropas do imperador Trajano (pormenor não sem importância: esse era oriundo da localidade Itálica, situada na Ibéria, perto de Sevilla). Tal como na Gália ou na Ibéria, a latinização da língua avançou rapidamente, irradiando da zona da Transilvânia – onde os Romanos fundaram a capital, Sarmizegetusa e uma rede de municípios – até além dos Cárpatos, na Olténia e nos

territórios que ulteriormente iriam constituir as províncias históricas da Valáquia e Moldávia. A fusão daco-romana ia conduzir à aparição do único povo neo-latino da parte oriental da Europa. Apesar das vicissitudes da história e do isolamento geográfico em relação à latinidade ocidental, tanto a estrutura gramatical, como mais de 80% do vocabulário activo da língua romena preserva a marca da latinidade. É interessante salientar o facto de que, do fundo dácio foram transmitidos apenas rudimentos (uma proporção mais reduzida de que 5-6% dos arabismos presentes em espanhol ou português). Além disso, ao contrário das suas irmãs ocidentais, o romeno não tem dialectos, constituindo actualmente a base da comunicação entre quase 25 milhões de falantes, do País e da diáspora. Outro dado histórico incontornável: os Romanos são, ao mesmo tempo, a única nação de língua latina que afirma maioritariamente a pertença à confissão ortodoxa de matriz bizantina.

Ao sobreviver às pressões desnacionalizantes exercidas até à Idade Média pelas invasões bárbaras e em seguida pelos impérios circundantes, os Romanos preservaram a sua língua enquanto argumento supremo da legitimidade das suas aspirações para os valores ocidentais. No final do século XVIII, a ideia da latinidade torna-se o principal argumento do movimento iluminista de emancipação conhecido sob a designação de *Escola Transilvana*. Os seus corifeus – Samuil Micu, Gheorghe Șincai, Petru Maior, Ion Budai-Deleanu – estudam e revelam directamente das fontes (Roma/os arquivos de Vaticano) documentos que atestam a estabilidade e a continuidade histórica do povo romeno no areal carpatiano-danubiano-pontico. Em 1780 Samuil Micu e Gheorghe Șincai publicam *Elementa linguae daco-romanae sive valachicae*, obra impressa em Viena na tipografia dos livros ilíricos. Ao longo dos séculos, embora o carácter neo-latino da estrutura morfo-sintáctica da língua romena se conserve quase intacto, o léxico recebe influências aleatórias, sobretudo eslavas bem como helénicas, turcas, ugro-fínicas, germânicas. Os Iluministas da *Escola Transilvana* defendem a relatinização programática do romeno, antecipando um processo que irá acelerar no século XIX, com a materialização das aspirações para a constituição de um Estado nacional moderno. Deve-se notar que tanto as revoluções burguesas de 1848 da Valáquia, Transilvânia e Moldávia, bem como a união dos Principados Romanos em 1859 são chefiadas por elites pró ocidentais, que defendem o seu programa modernizador das posições da reintegração natural da nação romena pela família dos povos latinos.

França será percebida enquanto “nossa irmã mais velha”, o modelo maior segundo o qual se orientará não apenas a classe política, como a intelectualidade criativa. Até hoje em dia, os Romanos continuam a manifestar, naturalmente, uma viva simpatia para com o mundo neo-latino em geral. Há inúmeros factos que podiam ser interpretados como um reflexo da ideia de fraternidade

latina. Apenas alguns exemplos: a presença, no mesmo edifício em Palermo de duas lápides – uma dedicada ao revolucionário romeno Nicolae Bălcescu, falecido ali em exílio, em 1852, a outra marcando a passagem de Giuseppe Garibaldi por Sicília – evocam a emocionante sincronia entre a união dos Principados Romenos mencionada em epígrafe, e a realização da unificação da Itália. A primeira Constituição da Roménia tinha sido elaborada segundo o modelo belga, o que mereceu ao novo Estado a alcunha de “a Bélgica do Oriente”. Em 1878, o escritor e diplomata Vasile Alecsandri era galardoado no “concurso panorâmico” de Montpellier, pela *Canção da gente latina*, concebida exclusivamente por palavras romenas de origem latina. Em 1880 chegou ao Brasil o primeiro mensageiro diplomático romeno, o coronel Voinescu. Em qualidade de enviado extraordinário em missão especial junto ao Imperador Pedro II, o diplomata expressou “os sentimentos inalteráveis de simpatia pelos quais são animados o soberano, o governo e a nação romena, para com o Império do Brasil”. Na sua resposta, o imperador Pedro II sublinhou que “o desenvolvimento do Estado Romeno é necessário para o equilíbrio europeu e oferece uma garantia de progresso e prosperidade para o Oriente”. A mãe do Rei Fernando I – cujo reino tinha marcado a realização do ideal de unidade dos territórios romenos, ao 1º de Dezembro de 1918 – era a infanta Antónia, a filha da Rainha de Portugal, Dona Maria Segunda da Glória e do seu marido, Fernando de Saxa-Coburg-Gotha-Kohary, do qual o seu neto por parte da filha tinha herdado tanto o nome como a semelhança física. A arquitectura romena dos finais do século XIX sincroniza-se com a ocidental, principalmente na fileira do *Art Nouveau*, o que iria trazer à cidade de Bucareste o sobrenome de *O Pequeno Paris*. A Roménia estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil, a nível de legação, em 1928, enquanto primeira representação diplomática romena na América Latina; Brasil tinha aberto o seu primeiro consulado em Bucareste em 1941. Etc. Etc.

Grande parte da criatividade artística da Roménia moderna leva a marca das férteis interferências com as outras culturas neo-latinas, sem por isso perder a força da sua originalidade. (Re)lembro aqui apenas Constantin Brancusi, o inovador da escultura contemporânea, George Enescu, compositor de valor universal, Tristan Tzara, o fundador do movimento *dada*, Eugen Ionescu, o pai do teatro do absurdo, os influentes pensadores Emil Cioran e Mircea Eliade, o artista plurivalente Marcel Iancu, escritores como Panait Istrati, B. Fundoianu, Ilarie Voronca, Gellu Naum, Gherasim Luca, realizadores/cineastas como Liviu Ciulei ou Lucian Pintilie... Merece ser mencionado também o criador do jazz de matriz romena, Richard Oschanitzky, que conseguiu climatizar o estilo *bossa nova* (logo após a sua aparição no Brasil dos anos 1958) ao temperamento dos “latinos do Oriente”.

Chegando aqui, vou passar a tempos mais recentes. Apostando no interesse claro existente na Roménia para o universo da latinidade contemporânea, o italianista e luso-brasileirista Marian Papahagi (1948-1999) organizou em Cluj, em 1998, um memorável Congresso da Latinidade. As actas daquela reunião internacional prefiguravam potenciais relações de solidariedade entre as nações que têm a oportunidade de perpetrar a romanidade. Lembro-me que a palestra apresentada pelo filósofo Jerónimo Moscardo (então embaixador do Brasil no nosso País) começou com a asserção: “A Roménia é o Brasil da Europa”. A tese fundamental defendida por Moscardo podia ser resumida assim: a principal contribuição que os povos neo-latinos podem oferecer ao mundo contemporâneo é de lhe ensinar como gozar a vida. A ética do workalcoholismo, de origem puritana, tende prender a humanidade e frustrá-la da felicidade para a qual ela aspira inerentemente. Mas as culturas latinas dispõem da ancestral “sabedoria” de saborear a nossa breve existência e é o seu dever de partilhar essa arte de viver, para o bem-estar de todos os outros.

Pode-se afirmar que a atitude dos romenos em relação aos outros povos com os quais têm laços de parentesco, tem sido constantemente positiva, até afectuosa, independentemente das conjecturas históricas. Mesmo nos períodos de incompatibilidade dos sistemas políticos, essas simpatias iam funcionando – talvez em primeiro lugar ao nível do lazer. Recordo que nos primeiros anos pós estalinistas, a Rádio Roménia transmitia diariamente peças de música ligeira italiana, francesa, espanhola ou portuguesa; nos cinemas eram exibidos com muito êxito filmes franco-italianos, espanhóis, mexicanos, argentinos; quando a nacional de futebol da Roménia não se qualificava nos campeonatos mundiais ou europeus, os adeptos romenos torciam principalmente para as equipas do Brasil ou da Itália... Por outro lado, na ausência da liberdade de expressão, as principais fontes de informação ficavam os jornais e as revistas francesas ou italianas. Dos países ibéricos, com os quais a Roménia tinha cortado as relações diplomáticas, os impressos eram quase inexistentes; os apaixonados pelo espanhol podiam, todavia, fazer assinaturas, não obstante as imensas dificuldades, à imprensa da Cuba (foi assim que consegui possuir uma colecção impressionante da excelente revista *Casa de las Américas*). O absurdo dessas restrições manifestou-se visivelmente, por exemplo, aquando das três digressões realizadas por Amália Rodrigues na Roménia: embora ouvissem, provavelmente pela primeira vez, o português, muitos dos espectadores tinham os olhos em lágrimas.

Enganando a vigilância totalitária, a intelectualidade romena conseguiu satisfazer, ao menos no campo da leitura, o seu apetite pelo conhecimento. (Digamos, entre parênteses, que o interesse pelas línguas estrangeiras não era um fim em si, mas sobretudo uma maneira de transgredir as barreiras à livre circulação

das pessoas e das informações.) Embora o regime da censura fosse atroz, embora as manifestações de oposição directa fossem quase inexistentes, o fenómeno da “resistência através da cultura” fica incontestável.

Assim, na Roménia, as culturas neo-românicas sempre foram e continuam ser um elemento de referência da vida intelectual. Para dar apenas um exemplo, na minha cidade de origem – Cluj, um município fundado pelos romanos cerca de quase dois milénios atrás, presentemente um importante centro universitário com quase meio milhão de habitantes – funcionam, hoje em dia, liceus com língua de ensino francês, italiano, espanhol e algumas classes de português, e a nível académico há êxitos notáveis nessa direcção. Infelizmente, não podemos falar de reciprocidade. O conhecimento realçado e sem preconceitos da Roménia por parte do Ocidente continua escasso, mas há hipóteses de melhoria, sobretudo no âmbito da União Europeia.

Quero sublinhar o facto de que a pertença ao mundo latino continua ser para os Romenos não apenas uma razão de orgulho, como um argumento supremo da legitimidade da sua integração na civilização europeia. A entrada na União Europeia ao 1 de Janeiro de 2007 significou a melhor realização da Roménia desde a queda do regime totalitário em Dezembro de 1989. Se no plano económico-administrativo, e sobretudo no das mentalidades, as discrepâncias para com o Ocidente se estão lentamente apagando, em troca, as aptidões linguísticas dos cidadãos romenos oferecem-lhes a adaptabilidade necessária ao seu novo estatuto. Pode-se afirmar, por exemplo, que a integração natural da comunidade romena de Portugal deve-se em grande medida ao factor linguístico. Embora não se trate de um *brain drain*, como no caso do êxodo de intelectuais atraídos por empregos bem pagos nos países hiper-desenvolvidos, mesmo os falantes do romeno com um nível de instrução bastante reduzido conseguem aprender o português relativamente depressa e a falá-lo razoavelmente. Uma primeira explicação seria a semelhança dos sistemas fonéticos e lexicais das duas línguas, bem como as afinidades psicológicas e afectivas, temperamentais entre as duas nações situadas nas margens ocidental e oriental da latinidade europeia. O fenómeno acontece também no caso dos muitos imigrantes da Bessarábia em Portugal. Supõe-se que para esses últimos, o contacto com a latinidade ocidental representa igualmente uma revelação das próprias raízes românicas, que tinham sido ocultadas ou reprimidas na “República Soviética Socialista Moldava” incorporada à União Soviética.

Não foi por acaso que ao primeiro comissário europeu da Roménia, Dr. Leonard Orban, lhe foram atribuídas responsabilidades na área do multilinguismo. Relativamente a esse aspecto (e à questão da intercompreensão linguística) posso falar da minha própria experiência: embora nunca tenha estudado o francês, aprendi-o “pelo caminho”, lendo, vendo filmes (felizmente na

Roménia não funcionou a nefasta prática da dobragem!), ouvindo a rádio... Após 1989, o ativismo das instituições culturais francesas implementadas na Roménia, conferiu um novo ímpeto às tradições filo-francesas – culminando com a organização em Bucareste do *Sommet de la Francophonie* em 2007. De maneira algo atípica, tinha estudado por conta própria o espanhol, graças aos cursos de línguas estrangeiras difundidos pela Rádio Roménia, no período de liberalização 1964-1971; depois, do mesmo modo atípico – tinha escolhido o português enquanto língua opcional na Faculdade de Letras da Universidade de Cluj. Mais tarde constatava que conseguia realizar uma combinação mental entre a minha língua materna e os dois idiomas ibéricos que podia adaptar à especificidade do francês, de maneira quase improvisadora. Evidentemente, apostava muito também nas características lúdicas da língua de Rabelais e de Jarry. O resultado não era muito rigoroso de ponto de vista académico, mas permitia-me comunicar verbalmente, perceber a linguagem usual e ler. Admito que para a escrita a minha paciência esgotou-se, tal como aconteceu quando “apanhei” o italiano. Em todo o caso, entre as motivações maiores que aumentam o grau da atractividade das línguas latinas, deve-se lembrar a sua capacidade de reflectir o humor e porquê não, uma inefável dose de... erotismo. Para um romeno (tal como para os seus vizinhos leste-europeus) esses são ingredientes existenciais *sine qua non*.

Os recursos espirituais da Roménia são provados igualmente pela sua ofensiva cultural dos últimos anos: actualmente estão a funcionar, com velocidade máxima, 18 Institutos Culturais Romenos no mundo inteiro; entre esses, cinco foram abertos nos países latinos europeus – em Roma, Veneza, Paris, Madrid e Lisboa, mais um em Bruxelas (num Estado meio-latino, como a Bélgica podia ser considerada). O contexto em que funciona o Instituto Cultural de Lisboa é um particular: os nossos espaços foram negociados ao nível das embaixadas romena e francesa, de modo que funcionamos nas instalações do Instituto Frances de Portugal. Desde 2007, no frontispício do edifício da Avenida Luís Bivar – um pólo cultural da capital portuguesa – foram arvoradas as bandeiras da Roménia, da França e do país anfitrião, Portugal. Difícil a imaginar uma solução mais eficiente, com carácter de exemplaridade, no plano da nossa colaboração cultural com os países lusófonos e francófonos. Temos a sorte de receber um público educado, constituído principalmente por falantes natos de português e romeno, a maioria deles com uma orientação francófona assumida. Foi por isso que conseguimos impor o francês, enquanto língua terceira de comunicação, além do romeno e do português. Não apenas o pessoal do nosso instituto é seleccionado em função do conhecimento dessas línguas, mas quando convidamos vários peritos da Roménia, para defenderem palestras ou participarem em colóquios, lançamentos de livros, debates etc., se eles não forem

lusitanistas, é-lhes exigido a falar em francês. Claro que não somos inflexíveis. Em ocasiões especiais – sobretudo quando os peritos não cumpriam com essa condição, mas nem era possível desistir deles – recorremos a um outro idioma (inglês ou espanhol), mas tivemos cuidado que o discurso fosse inteligível para a maioria dos que estavam presentes.

O facto de sermos a primeira instituição da Europa Centro-Oriental, desse género, aberta em Portugal e membro da EUNIC/Lisboa (European Union of National Institutes for Cultures) atesta a disponibilidade da Roménia de apoiar o projecto generoso da latinidade, enquanto uma alternativa humanista num mundo ameaçado por auto-sufocação e despersonalização.



Abstract

The Consciousness of Latin Origins: A Romanian Way towards European Integration

The essay, written in Portuguese, points out that the awareness of its Latin origins (*latinidade*) is essential in defining the Romanian identity. The Dacian-Roman fusion gave birth to Eastern-Europe's only neo-Latin speaking people. The Romanian language has maintained its Latin features despite centuries of vicissitudes. The enlightened representatives of the Transylvanian School (18th cent.) defended a programmatic re-Latinising of the Romanian language, accelerated by the establishment of a modern national state (1859). The Romanians' empathic attitude towards the other Romance-language nations has plenty of historical motivations (e.g., traditional cultural and political ties with France and Italy; early diplomatic contacts with Brazil; King Ferdinand I, under whose reign Romania's provinces were reunited in 1918, was the son of Infanta Antónia, daughter of Portugal's queen; much of modern Romania's artistic creativity displays fertile interferences with other Romance cultures, etc.). Belonging to the Latin world means for Romania a genuine argument in favour of its integration into the European civilisation, underpinning its membership in the European Union.

Keywords:

latinidade, Transylvanian School, Romanian modern national state, Marian Papahagi, European integration